



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACIG

**AS MANIFESTAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DA GERAÇÃO ALPHA E
SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO**

Bruna Conceição Oliveira

Manhuaçu

2022

BRUNA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

**AS MANIFESTAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DA GERAÇÃO ALPHA E
SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Curso Superior de Pedagogia do Centro Universitário
UNIFACIG, como requisito parcial à obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Área de Concentração: Musicalização Infantil

Orientador(a):
Prof. MSc. Humberto Vinício Altino Filho

Manhuaçu

2022

BRUNA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

**AS MANIFESTAÇÕES DAS CARACTERÍSTICAS DA GERAÇÃO ALPHA E
SUAS INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de
Superior de Pedagogia do Centro Universitário UNIFACIG,
como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

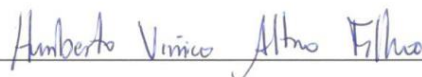
Área de Concentração: Musicalização Infantil

Orientador(a):

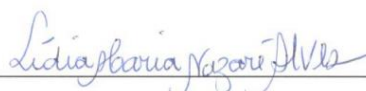
Prof. MSc. Humberto Vinício Altino Filho

Banca Examinadora

Data de Aprovação: 07 de dezembro de 2022.



Prof. MSc. Humberto Vinício Altino Filho – UNIFACIG (Orientador)



Prof.^a Dr.^a Lídia Maria Nazaré Alves – UNIFACIG



Prof. MSc. Moisés Luiz Gomes Siqueira – UNIFACIG

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
O DIÁLOGO E AS CARACTERÍSTICAS DAS GERAÇÕES	5
Baby Boomers	6
Geração X	7
Geração Y	7
Geração Z	7
Geração Alpha	8
MÚSICA E MUSICALIZAÇÃO: CARACTERÍSTICAS E PROCESSOS	9
O que é musicalização?	9
O Desenvolvimento da Musicalização	10
A Importância da Formação de Professores para a Musicalização	11
METODOLOGIA	13
RESULTADOS E DISCUSSÃO	13
Cena 01 – Jogo dos bastões	13
Cena 02 – Conhecendo e cantando o Hino da Bandeira	15
Cena 03 – Marcação Rítmica com tampinhas	16
Cena 04 – Marcação Rítmica com as Claves I	17
Cena 05 – Marcação Rítmica com as Claves II	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
APÊNDICE A – Roteiro de Observação	24

RESUMO

Esse estudo tem como foco verificar se (e como) as características da geração alpha influenciam diretamente no processo de musicalização. Na discussão inicial, foi feito um breve estudo sobre os traços de cada geração e como são as etapas e características importantes pertencentes à musicalização. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, exploratório e aplicado. Para a coleta de dados, foram observadas aulas de uma professora-pesquisadora nas turmas do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, tendo como base um roteiro previamente construído. Os resultados apontam que existem diferenças entre as crianças e também como o ambiente em que são realizadas as aulas influencia em comportamentos característicos da geração alpha. O imediatismo, a dificuldade de concentração, a curiosidade e o pensamento rápido estiveram presentes nas atividades propostas para as aulas e, em todas elas, pode ser observado como que os alunos apresentam uma limitação em estarem atentos e concentrados na realização das atividades musicais quando o grau de dificuldade era maior. Algumas dessas características da geração alpha tem um impacto negativo quando associados a musicalização.

Palavras-chave: Musicalização; Geração Alpha; Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A geração alpha corresponde, atualmente, às crianças que estão em idade escolar e apresenta características bem diferentes das gerações anteriores. Os traços mais marcantes são a curiosidade, independência e agilidade, mas também possuem pontos críticos que quando associados ao desenvolvimento musical provocam contradições, que é a dificuldade de concentração, assim como a frustração, a impaciência e a ansiedade.

A importância de abordar esse assunto se dá pela necessidade de compreender e encontrar soluções viáveis para colaborar de maneira satisfatória no desenvolvimento musical das crianças e minimizar ao máximo, esses desencontros que prejudicam o aprendizado da musicalização.

A música, de forma geral, é feita através da construção de etapas e as crianças da geração alpha são imediatistas e querem logo o resultado final. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é analisar se (e como) as características da geração alpha influenciam no processo de musicalização.

De forma mais específica, descrever as características do processo de musicalização, identificar as dificuldades da geração alpha dentro da construção musical, analisar as ações dessas crianças em sala de aula, como forma de subsidiar a criação de novas formas de desenvolver conhecimentos musicais com essa geração.

A priori, encontra-se substrato na hipótese de que as crianças da geração alpha, por estarem tão ligadas ao imediatismo e possuírem uma curiosidade constantemente modificada pelo meio que estão inseridas, de não conseguirem focar, de forma plena, e, assim, gerar resultados satisfatórios quando são colocadas de frente com a construção musical.

O DIÁLOGO E AS CARACTERÍSTICAS DAS GERAÇÕES

O estudo sobre as gerações faz parte da compreensão da sociedade, sendo, na maioria das vezes, conduzido por pesquisadores das Ciências Humanas, mais especificamente da sociologia. O que se denomina por geração, segundo os sociólogos, são classificações de como a sociedade se apresenta e permanece durante um determinado período de tempo. São formas diferentes de como os sujeitos se adaptam e compreendem o mundo e suas tecnologias (OLIVEIRA, 2019).

Ainda segundo Oliveira (2019), classificar as gerações, de acordo com épocas específicas e determinados perfis, tem se tornado um costume cada vez mais comum, pois se destacam assim suas transformações culturais, tecnológicas e industriais, que as difere uma da outra.

Essas observações sobre as gerações direcionam a um desenvolvimento que auxilia a compreensão da juventude em um contexto de sociabilidade de um grupo de referência em relação a uma sociabilidade já construída. Toda a criação e acumulação cultural nunca é realizada pelo mesmo grupo de indivíduos, pois cada um traz consigo diferentes maneiras em relação a uma herança cultural já existente. De acordo com as estruturas psíquicas do ser humano, sempre haverá uma modificação, um distanciamento em relação ao objeto de assimilação e ao uso e desenvolvimento do que é oferecido pela sociedade em cada período de tempo. Essas modificações se dão quando o indivíduo é forçado pelos acontecimentos a abandonar seu grupo social e entrar em outro, em se adaptar a outro (SOUSA, 2006).

Sousa (2006) diz ainda que a experiência é um elemento único e fundamental para essa socialização não apenas dos jovens, mas de toda a sociedade que marcam

a geração. Levar em consideração esses aspectos, traz a compreensão, sem preconceitos, aos valores e às formas de expressão das novas gerações.

O que marca uma geração são as formas de adaptação às mudanças e as experiências vividas pelos indivíduos, principalmente os jovens. O que ainda gera uma grande abertura às novas características da geração alpha, pois ela se encontra em fase inicial. Essa experiência do jovem é tomada como fator propulsor da sociedade que encaminha às introduções de mudança (SOUSA, 2006). Segundo Oliveira (2019), a comunidade constrói uma entidade social ligada aos pensamentos de ideologia, identidade e cultura, em paralelo a um sistema social num conjunto de conhecimentos adquiridos dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas e assim pode-se denominar a construção social que caracteriza a geração.

Nos primórdios, as classificações das gerações eram definidas como sendo aqueles que sucederam seus pais e eram classificadas a cada vinte e cinco anos. Nos últimos cinquenta anos, de acordo com a influência da tecnologia, da popularização da televisão de tubo aos *smartphones*, esse processo de divisão das gerações passou a ser feita conforme a relação do homem e a máquina. Essas novas transformações trouxeram uma aceleração do tempo, no modo de fazer as coisas e no jeito de produzir (OLIVEIRA, 2019).

Diante de tantas transformações e etapas vividas pela sociedade temos hoje, segundo Tapscoot (2010), as seguintes gerações: Baby Boomers, Geração X, Geração Y, Geração Z e Geração Alpha. Deve-se lembrar de que não existe um consenso entre os autores que marque uma data exata para delimitar o início e o fim de cada geração. Assim, para este estudo, usaremos a definição de datas feitas por Tapscoot, 2010.

Baby Boomers

A primeira geração a ser estudada é conhecida como *Baby Boomers*, que contempla aqueles que nasceram entre 1946 a 1964, dando início aos estudos sobre as gerações (TAPSCOOT, 2010). Um fator que influencia muitas de suas características é que esses indivíduos nasceram no pós-guerra mundial e ainda muitos países sofriam com a guerra no Vietnã, o que gerou uma preservação pela espécie nos Estados Unidos, com um alto número de mulheres que engravidaram, ocasionando então uma explosão de bebês, ou seja, um “boom”, o que explica o nome dado a essa geração (OLIVEIRA, 2019).

Segundo Tapscoot (2010), uma outra característica marcante dessa geração é que essas pessoas, na maioria das vezes, passaram a vida toda em um único emprego. Outra marca histórica dos *Baby Boomers* é o surgimento da televisão, na qual as pessoas ficavam em média 22,4 horas por semana na frente do televisor (TAPSCOOT, 2010).

De acordo com Jaeschke (2014), essa geração também traz consigo traços de personalidade que envolvem muito mais o contato pessoal, pois preferem terem conversas pessoais e fazer telefonemas a uma mensagem nos aplicativos de mensagens instantâneas, como Whatsapp®. Assim sendo pouco adeptos às tecnologias e inovações. Os *Baby Boomers* compõem a geração que aprendeu, desde cedo, a respeitar os valores familiares e ter uma disciplina nos estudos e no trabalho muito mais exigentes. Eles vivenciaram fatos que marcaram a história mundial, como o assassinato do presidente dos Estados Unidos, Jonh Kennedy, em 1963, e a chegada do primeiro homem à lua, em 1969.

No Brasil, essa geração foi marcada pela luta contra os militares, pois eles nasceram no começo do Ditadura Militar, vivenciaram o surgimento da Jovem Guarda,

da Bossa-Nova e a popularização do *Rock'n Roll*. Trazendo assim, aos jovens suas marcas e traços diferentes de seus pais (OLIVEIRA, 2019). Após esses traços fortes da geração *Baby Boomers*, seus filhos dão surgimento a geração X.

Geração X

A geração X compreende os nascidos entre 1965 a 1976 e é marcada pela característica da queda de natalidade e do início de um avanço tecnológico, um traço bem diferente da geração anterior. Essa geração, tem de especial ser altamente instruída (TAPSCOOT, 2010).

Segundo Jaeschke (2014), o nome dessa geração tem ligação aos assassinatos de líderes políticos que ocorreram naquela época, tais como Martin Luther King e Malcolm X, que batizou a geração X. Movimentos hippies e rebeliões de estudantes tomaram todo um cenário mundial, além das músicas ficarem mais barulhentas, as roupas mais coloridas e experiências mais intensas, formaram traços de excessos que aconteciam na geração X.

Os avanços tecnológicos pertencentes a eles foram além do surgimento da TV, tais como o surgimento do computador pessoal, a internet, o celular, a impressora e o e-mail, avanços significativos que trouxeram mudanças associadas a formação cultural (OLIVEIRA, 2019). Também segundo Oliveira (2019), mesmo essa geração tendo nascido em meio a tantos avanços tecnológicos, eles não criaram o hábito de ficarem o tempo todo conectados, sendo pessoas bem instruídas e criativas. Seus sucessores dão surgimento a geração Y.

Geração Y

Dando continuidade às gerações, tem-se a geração Y, com pessoas que nasceram entre 1977 a 1997. Segundo Tapscoot (2010), nessa geração, a internet passa a ser tão natural que é considerada como “ar”, ou seja, sempre existiu. A geração Y também é conhecida como geração digital e geração do milênio. Essa também está num cenário oposto ao da geração X, com o fim da censura essas pessoas passaram a ter acesso a tudo sem limites, tendo mais abertura da família e crescendo acreditando que sua opinião vale mais que a dos pais, pois na geração anterior, os pais ainda tinham um papel de chefiar seus filhos e, na geração Y, eles passam a ser mais amigos dos filhos (OLIVEIRA, 2019).

De acordo com Oliveira (2019), uma marca dessa geração são as famílias ainda menores, com prioridade ao trabalho, na qual os pais trabalham de dois a três turnos, as crianças crescem em instituições e em ocasiões de pais separados. Seguindo a colocação do autor, as crianças possuem mais liberdades dentro da família e passam a exercer um papel de troca de conhecimentos dentro de casa. Os filhos também ensinam os pais e as famílias que melhor souberam lidar com essas transformações obtiveram resultados satisfatórios nos relacionamentos. O autor pontua ainda, que, nessa geração, as mudanças acontecem de modo muito rápido, “enquanto os adultos tiveram que se adaptar as novas tecnologias, as crianças nascidas neste contexto já assimilavam a presença e o domínio da máquina.” (OLIVEIRA, 2019, p. 27).

Geração Z

Nascidos a partir de 1998 (TAPSCOOT, 2010), é a geração que liga o computador e consegue interagir com várias janelas abertas simultaneamente, vai do falar ao telefone, ouvir músicas, ler uma revista e assistir à televisão tudo ao mesmo tempo. Essa geração foi concebida no mundo digital, não há como explicar sobre eles

sem as características que os nomeiam como “Nativos da Internet”. Eles estão preparados para uma relação com qualquer tipo de componentes eletrônicos e tecnológicos (OLIVEIRA, 2019).

Dentro dessa geração Z, a interação com os aparelhos digitais e com as tecnologias é algo muito natural, pois no contexto no qual nasceram, é necessária essa relação, a qual gerou uma característica que marcou essa geração. São mais voltados para si, para o prazer, para o imediatismo, estabelecem mais relações em espaços virtuais e estão o tempo todo conectados com suas tribos. Já sabem o que querem e o que acreditam ser melhor para eles, além de terem um apoderamento rápido das tecnologias esperam que as gerações passadas também respondam assim. São exigentes, consumistas, individualistas, menos fiéis as marcas e completamente digitais. Buscam o tempo todo a autoafirmação e o *status* social (OLIVEIRA, 2019). A partir de 2010, surge a mais recente geração, a Alpha.

Geração Alpha

Se os indivíduos da geração Z já eram considerados nativos digitais, com a geração alpha isso fica ainda mais marcado. Eles nasceram imersos em um mar de tecnologia, sendo assim estimulados a interagir com as máquinas desde seu nascimento. Essa geração surge a partir de 2010 (OLIVEIRA, 2019).

O termo geração alpha foi utilizado pelo sociólogo australiano Mark McCrindle em março de 2010 (VIEGAS, 2015). Seu nome tem origem na primeira letra do alfabeto grego, já que a geração Z, a anterior, era com a última letra do alfabeto comum, a alpha simbolizaria o início de novo ciclo, desde então caracterizando a geração como sendo de grandes transformações (OLIVEIRA, 2019).

Segundo Oliveira (2019), Alpha é uma geração de crianças que nasceram no século XXI e que são, desde pequenas, inseridas em uma rotina repleta de tecnologias e com grandes influências sobre a sociedade do futuro e das interações. As crianças já chegam ao mundo conectadas em rede, com presença das telas, como o tablet, o smartphone e o Iphone® em sua rotina, vivendo no mundo virtual. Em suas características já se tem traços da tendência a serem mais independentes e adaptados às novas tecnologias, gerando um novo fenômeno tecnológico e assim desenvolvendo uma outra forma de vida, uma mentalidade digital, são crianças com pensamentos e habilidades mais rápidas quando comparadas as gerações anteriores (OLIVEIRA, 2019).

A geração alpha vem mostrando que está acontecendo uma evolução da espécie e, nesse caso, associada às novas tecnologias. Essas mudanças estão atreladas a diversos fatores, eles começam a estudar cada vez mais cedo em relação as gerações anteriores, o que os levará a um maior nível educacional e os alphas já vivenciam um novo sistema escolar, que é mais personalizado, autônomo, híbrido e baseado em projetos, tendo como foco o aluno e não apenas o conteúdo, fazendo desse um grande marco da geração (VIEGAS, 2015).

Para Zuanazzi (2014), um outro marco da geração alpha é a interação com a família que também está sendo transformada, na qual os pais tendem a trocar o autoritarismo, rigidez das regras e castigo por uma relação de mais diálogo e amizade. Raissa Viegas (2015), conclui dizendo que essa evolução na forma de relacionamento das famílias gera grande auxílio para o desenvolvimento das crianças, pois podem os transformar em uma geração de melhores pais das possíveis próximas gerações que virão.

Para essa geração não existe diferença entre o real e o virtual, para eles é tudo no aqui e agora, trazendo consigo uma outra característica marcante, o imediatismo

(OLIVEIRA, 2019), mediante a tantas transformações que geram cada vez mais o desejo de um resultado imediato e satisfatório.

A geração alpha é aquela que tem fortes relações na combinação do homem e a máquina, sempre tendo fatos positivos e negativos que ocorrem de formas diferentes em cada geração. Segundo estudos, os alphas são sujeitos que chegaram ao mundo para executarem grandes transformações na sociedade, devido as suas habilidades tecnológicas únicas (OLIVEIRA, 2019).

Os traços dessa geração não ficam apenas em saber lidar com tecnologias, mas usar delas para incorporar conceitos e ideias mais criativas e também individualistas. Os alphas que são os filhos dos nativos digitais nascem num mundo mais colorido, serão eles a ditarem as regras, terem um estilo de vida diferente das gerações anteriores, mas ao mesmo tempo não é possível afirmar como isso ocorrerá, pois não se sabe o que pensam, é o que afirma Oliveira (2019).

Diante de tantas transformações que ocorreram no passar de cada geração, os alphas trazem questionamentos sobre como o mundo deve lidar com eles, pois possuem características únicas e bem fortes. O imediatismo e a necessidade de autonomia tomam conta das crianças, mas ao mesmo tempo quando associado tudo isso ao aprendizado da musicalização geram-se questionamentos, pois são indivíduos criativos, espertos, digitais e críticos, e por serem tão bem resolvidos como vão parar e analisar uma música, pará-la e ouvi-la com calma ou entender seus compassos e ritmos? Seu processo de construção fica comprometido, pois anseiam o resultado pronto e assim pulam etapas essenciais para se participar de maneira satisfatória da musicalização. Crianças inteligentes e rápidas para se envolverem em um processo que exige repetição, atenção e concentração, como fazer dar certo?

MÚSICA E MUSICALIZAÇÃO: CARACTERÍSTICAS E PROCESSOS

O que é musicalização?

O processo de musicalização é aquele que visa despertar e desenvolver o gosto musical, no qual a construção desse conhecimento favorecerá o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade, do senso rítmico, do gosto em apreciar músicas, da imaginação, da memória, da concentração, da autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização, da afetividade, da consciência corporal e da movimentação (BRÉSCIA, 2011).

Tratando-se do ensino de música em ambientes escolares o enfoque concentra-se na musicalização e não em educação musical. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) aborda a importância das artes e suas diferentes linguagens, dentre elas está a música, que quando aplicada nesse contexto chamamos de musicalização. A partir dessa musicalização, com a meta de desenvolvimento do indivíduo, se viabiliza a vivência e a reflexão sobre questões musicais, sendo elas por meio da expressão e sensibilização (AGNOLON; MASOTTI, 2016).

Segundo Guimarães (documento on-line), o ensino da musicalização tem por objetivo as práticas musicais e não o estudo de um instrumento. A vivência e os sentimentos da criança são importantes para ela, pois isso facilita a compreensão das estruturas musicais que são abordadas logo em seguida de acordo com o seu desenvolvimento. O aprendizado musical está associado ao som, ao ritmo, aos jogos e à recreação. Segundo a autora, essas vivências contribuem para a formação de futuros ouvintes, artistas, ou até pessoas sensíveis e equilibradas.

O Desenvolvimento da Musicalização

[...] A criança não é um ser estático, ela interage o tempo todo com o meio e a música, tem esse caráter de provocar interação, pois, ela traz em si ideologias, emoções, histórias, que muitas vezes se identificam com as de quem ouvem (GONÇALVES *et al.*, 2009, p. 2).

Os benefícios da musicalização são diversos e a forma como a música se desenvolve no ser humano é muito rica. De acordo com o que diz Violeta Gainza (1988), cada aspecto ou elemento da música está relacionado a um aspecto humano, podendo ser de maneiras exclusivas e mais intensas, tendo o ritmo musical que induz ao movimento corporal, a melodia que estimula a afetividade e a estrutura musical que podemos chamar de harmonia, contribuindo ativamente para a restauração da ordem mental do ser humano.

A música traz diversas contribuições para o processo de desenvolvimento tanto na parte cognitiva e motora, quanto no despertar da criatividade (GARCIA; SANTOS, 2012). De acordo com os autores, cada criança tem sua forma única e pessoal de interpretar uma melodia ao ouvi-la, tendo sua maneira de internalizar o que a música fornece, sendo também possível externalizar sentimentos.

O processo de musicalização tem por objetivo desenvolver diversos aspectos nos indivíduos envolvidos, tais como aspectos físicos, uma vez que se aplicam atividades que serão capazes de promover o alívio de tensões ocasionados por instabilidade emocional e fadiga. O aspecto psíquico proporcionando processos de expressões, de comunicação e descarga emocional através de estímulos musicais e sonoros. Por fim o aspecto mental, possibilitando situações que contribuem para a estimulação e desenvolvimento da ordem da harmonia, organização e compreensão (GAINZA, 1988).

A musicalização pode acontecer de diversas formas, não apenas com a utilização de instrumentos musicais. Segundo Mateiro e Schmidt (2016), o aluno, usando seu corpo como um instrumento de percussão, pode explorar e descobrir sons, variações de timbres e diversas texturas musicais a partir da voz, da palma, do estalo de dedos, de batidas dos pés, de batidas no peito, entre outros tipos de efeitos e sons. Assim a musicalização vai acontecendo de diversas formas e maneiras, proporcionando à criança um ambiente favorável à um aprendizado musical.

As habilidades e competências desenvolvidas durante o processo de musicalização são inúmeras, ela estimula a criança em fatores sensoriais, motores, afetivos e mentais, sendo essa aprendizagem de forma consciente ou não (GAINZA, 1988).

A construção do conhecimento musical favorece o afetivo e aumenta a atividade cerebral. Segundo Vera Bréscia (2011), a musicalização melhora o desempenho relacionado à sensibilidade, à criatividade, ao senso rítmico, à imaginação, à memória, à concentração, à atenção, entre outros; fatores esses, que auxiliam, de maneira geral, o desenvolvimento da criança. De acordo com a autora, a melhoria da concentração ocasionada pela musicalização, eleva o desempenho na aprendizagem de matemática, leitura e demais habilidades linguísticas.

Em consonância, Guimarães (on-line) acrescenta que esse universo da musicalização, quando explorado pela criança vem facilitar o processo de alfabetização e o estudo, até mesmo de línguas estrangeiras, e ressalta que o trabalho com a musicalização deve ser feito de forma alegre, com vibração, através de metodologia lúdica e dinâmica, apropriada para o mundo da criança. A autora reforça

que o desenvolvimento musical é melhor ainda durante a educação infantil, na qual a criança é mais receptiva a aplicações sistemáticas e práticas musicais.

É indispensável a presença da musicalização na escola, pois além de desenvolver a sensibilidade musical, que é um de seus focos principais, ela estimula a socialização, a percepção auditiva, a disciplina, a coordenação motora, a memória e a concentração (GUIMARÃES, on-line). Essa mesma autora afirma que a música no ambiente escolar, auxilia na formação de hábitos, atitudes e comportamentos. A abordagem musical na escola tem como objetivo somar na formação integral da criança e não apenas formar músicos, como afirma Gainza (1988). A presença da linguagem musical por meio da vivência proporciona a abertura de canais sensoriais que possibilitam a expressão de emoções, que amplia a cultura geral de uma maneira prazerosa, além da musicalização contribuir com uma série de benefícios para a saúde, como prevenção de doenças e alívio de tensões. A presença da música na formação da criança tem importante potencial para auxiliar no desenvolvimento do cérebro, como afirma Beatriz Ilari (2003).

A Importância da Formação de Professores para a Musicalização

A maioria dos professores que atuam com o público infantil não possuem uma formação musical, gerando assim implicações em não respeitar o nível de percepção e desenvolvimento de cada criança em suas respectivas fases (GUIMARÃES, on-line). A autora traz que o RCNEI orienta que os profissionais da educação devem procurar entender, de uma maneira reflexiva, respeitar cada fase de expressão da criança e só então poderá fornecer os meios necessários para proporcionar uma vivência, informações e materiais adequados para o desenvolvimento de capacidades expressivas.

Sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino da música, não estão apenas atreladas a falta de formação da Licenciatura em Música, mas também se deve ao fato de que os pedagogos, em sua formação, não têm o suporte necessário para lidar com o assunto, como diz Barros, Batista e Silva (2017),

Podemos afirmar, pois, que há um certo distanciamento entre a música e a formação de pedagogos e isso acaba por prejudicar a sua utilização em sala, de uma maneira significativa. O que podemos notar é que é cobrado do pedagogo o uso correto da música em sala, mas muitas vezes é esquecido o fato de que a formação acadêmica é muito ampla, devido ao leque de componentes curriculares que o pedagogo é responsável por ensinar e geralmente o tempo para o estudo da música é bastante limitado, além de ser considerada irrelevante na própria formação do pedagogo (BARROS; BATISTA; SILVA, 2017, p. 17).

O RCNEI diz que a “música é a linguagem que se traduz em formas sonoras e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio.” (BRASIL, 1998, p. 45) acrescenta que ela faz parte do processo de educação a muito tempo, tendo registros da Grécia Antiga, na qual a música era considerada fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. Assim é possível notar que o envolvimento musical no processo de formação da criança é uma importante forma de expressão humana, sendo então percebida a grande necessidade e importância de professores preparados para lidar com esse contexto musical na educação, principalmente se referindo a musicalização (BRASIL, 1998).

De acordo com o Ministério da Educação (MEC), a Lei nº 11.769, publicada no Diário Oficial da União, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96, torna obrigatório o ensino de música no ensino fundamental e médio. Diante disso, surge um desafio que é a formação de professores, o que é apontado como um ponto crítico numa pesquisa mais recente do Censo da Educação Superior, de 2006, que apresenta uma realidade em que apenas 327 alunos se formaram em Licenciatura em Música (BRASIL, 2008). Guimarães (on-line), afirma que essa Lei vem evidenciar a valorização e importância do ensino da música nas escolas, mas também reforça como é necessário se ter a capacitação e a formação do corpo docente para que se potencialize o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Para atuar como professor de música, o MEC recomenda que se tenha noções básicas de música, dos cantos cívicos nacionais e dos sons de instrumentos de orquestra e deve-se trabalhar cantos, ritmos, danças e sons de instrumentos regionais e folclóricos, afim de proporcionar ao aluno o conhecimento a diversidade cultural do Brasil (BRASIL, 2008).

Nessa esteira, Beatriz Ilari (2003) ressalta que

Cada atividade, quando cuidadosamente planejada e realizada, parece beneficiar os sistemas do neurodesenvolvimento, alguns mais do que outros. Por isso, o educador necessita estar atento e planejar suas aulas com muito zelo e cuidado. Entrementes, o educador precisa prestar uma atenção especial ao desenvolvimento individual de cada criança, não como alguém que quer simplesmente diagnosticar, mas como alguém que quer ajudar o aluno a desenvolver sua inteligência musical e construir seu conhecimento, incentivando suas propensões e sanando suas dificuldades (ILARI, 2003, p. 16).

A Música como Estratégia Pedagógica e a Musicalização

A presença e utilização da música na escola é de grande importância. Tanto no que se refere à história humana quanto a importância na vida. A música é vista por muitos como sendo a primeira das artes, tendo-se registros desde tempos antigos, já nas civilizações primitivas, nas quais os sons tinham um significado e para nós também tem sua importância, pois ela é reconfortante e auxilia, em muitas das vezes, no equilíbrio emocional. Isso talvez se explique pelo fato de que desde o ventre materno os sons fazem parte da formação humana. As batidas do coração de nossa mãe, simbolizam proteção, aconchego e tranquilidade (GARCIA; SANTOS, 2012).

A música pode ser usada em diversas ocasiões e momentos dentro da educação. A depender da forma como a música é inserida nos contextos de aprendizagem, tem-se denominações diferentes e é importante saber diferenciá-las.

Nem sempre quando usamos música em uma aula, estamos fazendo a musicalização, pois como já foi citado em tópicos anteriores a musicalização é um instrumento que proporcionará a criança não somente a sensibilidade musical, mas desenvolve diversas outras áreas de formação, como a concentração, a coordenação motora, a socialização, a percepção auditiva, o equilíbrio emocional, entre outros atributos. Esse contato com a musicalização poderá alcançar excelentes resultados no desenvolvimento da criança (GUIMARÃES, on-line).

A musicalização segundo Gohn e Stavrakas (2010), pode ser definida também como “um processo de construção do conhecimento musical que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical da criança, contribuindo para sua capacidade de criação e expressão artística” (p. 89). As autoras afirmam ainda que, na

musicalização, o lúdico caminha lado a lado com a música, assim aperfeiçoando e desenvolvendo habilidades como a organização, a imaginação, a memorização, a expressividade, entre outros. De acordo com o RCNEI (BRASIL, 1998), o termo musicalização refere-se a um conjunto de atividades lúdicas em que são apresentadas as crianças noções básicas de ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, pequenas danças, exercícios de movimentos, relaxamento, leitura e escrita por meio de canções, prática em pequenos conjuntos de instrumentos, entre outros.

Já a utilização da música como estratégia pedagógica vem para auxiliar em práticas corriqueiras das crianças, como em canções para lanchar, escovar os dentes, lavar as mãos, memorizar conteúdos e comemorações de datas específicas. De acordo com o RCNEI, a música, mesmo sendo parte fundamental na cultura infantil e estando presente nos planejamentos, tem tomado propósitos alheios às suas reais especificações, sendo tratada como algo que vem pronto, servindo como objeto de reprodução e formação de hábitos escolares. As canções quando utilizadas de forma a serem acompanhadas por gestos que são imitações, se tornam um instrumento mecanizado e sem sentido associado a musicalização (BRASIL, 1998).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, exploratório e aplicado, desenvolvido em uma escola da rede privada de Manhuaçu-MG. A professora participante é também a pesquisadora e doravante será denominada professora-pesquisadora em todas as suas menções. Além dela, participaram da pesquisa os alunos do 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I, totalizando 92 crianças. A escolha desse público foi baseada no fato deles serem mais autônomos em suas escolhas e gostos, sendo assim mais fácil perceber os traços pesquisados.

Como metodologia, optou-se pelo estudo de caso, que, segundo Gil (2008), configura-se no estudo profundo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo conhecimento. A coleta de dados foi realizada por meio da observação direta das aulas da professora-pesquisadora, durante os meses de outubro de novembro. As anotações no diário de campo foram guiadas, por um roteiro, previamente construído (ver Apêndice A), de acordo com a proposta de Camacho (2011).

A apresentação dos dados foi realizada por meio da descrição de episódios marcantes durante o período de observação, que serão denominadas “cenas” da prática pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão apresentadas as cenas da prática pedagógica que ocorreram durante as aulas de música, dos alunos pertencentes a geração alpha que revelam traços de suas características que influenciam no processo de musicalização. Ao todo foram selecionadas 5 cenas, do total de 15 aulas observadas durante o período de campo.

Cena 01 – Jogo dos bastões

Nesta cena, foi aplicado o Jogo dos bastões. Essa atividade traz como principais fatores para a aprendizagem musical a atenção, a concentração, a percepção auditiva e visual e o trabalho em equipe.

Essa cena aconteceu com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental I. Para a aplicação dessa aula os alunos foram levados para uma outra sala com formato mais dinâmico para o desenvolvimento da atividade. Chegando neste novo ambiente os alunos foram orientados a se sentarem no chão formando uma meia lua. Em seguida foi explicado as eles como a atividade iria acontecer. Essa atividade consiste em cada discente em pé segurar um bastão em frente ao corpo, e quando a música os parasse tinham que deixar o bastão deles no lugar e pegar o do colega ao lado antes dele cair ao chão, se caso caísse estariam eliminados. Para dar início ao jogo, eles foram divididos em três equipes, sendo essa escolha feita por meio de sorteio, no qual cada rodada dois alunos representavam a equipe, a criança que ganhasse somava ponto para sua equipe. Durante a aplicação do jogo foi possível observar um fator importante que foi a curiosidade, tendo início com a descoberta sobre a troca de sala, depois com o que iria acontecer, sobre quem seria de cada equipe e como seria participar do jogo. Essa curiosidade os deixou bem interessados durante toda a aula. O imediatismo foi notável nas crianças que esperavam sua vez para serem as próximas no jogo, eles ficavam impacientes, levantando e sentando várias vezes. A cada aluno que conseguia avançar durante as etapas do jogo, levava sua equipe a euforia com gritos de apoio, dicas de estratégias, e quando se chegava ao vencedor era perceptível a felicidade da equipe em somar pontos. Os alunos que demonstravam serem mais competitivos, quando deixavam o bastão cair, logo nos primeiros momentos do jogo, ficavam irritados, reclamavam do colega, dizendo “não consegui pegar o bastão pois ele jogou no chão”, “ele soltou antes da música parar”, “ele está roubando para equipe”, e ao serem eliminados não demonstraram mais interesse com o jogo e se isolavam. A proposta do jogo era trabalhar atenção e concentração, e durante a decorrer da atividade se obteve bons resultados relacionados ao pensamento rápido e resposta aos comandos do jogo. Essa atividade teve um nível de aceitação muito elevado da turma. Ao saírem da sala específica para retornarem à sala de aula comum, eles pediram para voltar nas próximas aulas pois acharam super legal. Os alunos que ficaram irritados com as quedas dos bastões foram os únicos que demonstraram uma baixa aceitação da atividade, dizendo “não gostei, pois a outra equipe roubou para ganhar.”

Nessa aula, aconteceu a aplicação de uma atividade cuja metodologia era reforçar os sentidos de atenção, concentração, percepção auditiva e visual, pensamento rápido e trabalho em equipe. Fatores esses tão importantes dentro do processo de musicalização, fortalecendo o contato com as etapas de construção do aprendizado musical. O fato de a aula acontecer em um ambiente diferente da sala de aula normal trouxe observações importantes e curiosas, tanto no envolvimento dos alunos com a atividade quanto no contexto geral dos fatores que envolvem a aula de música. Segundo Figueiredo & Souza (2021), ter o ambiente de aprendizado preparado possibilita uma melhor interação e protagonismo das crianças, assim elas têm autonomia para gerir o seu próprio conhecimento e o professor se torna um agente motivador e facilitador de aprendizagem.

O imediatismo esteve presente do decorrer do jogo, pois foi possível notar a falta de paciência deles em esperar a sua vez, mesmo eles estando tão envolvidos com o jogo, estavam tão ansiosos para chegarem seu momento de jogar que não sabiam esperar a hora da rodada anterior acabar. Também foi notável a irritação dos alunos que deixavam o bastão cair e a partir de então não se interessavam tanto pelo jogo, apontando pontos negativos, dando lugar às frustrações quando perdiam.

Como afirmam Labre & Garcia (2021),

São movidas por diversos estímulos sensoriais, sendo um dos maiores o visual, e costumam ser rápidas e ágeis em todas as suas respostas. É a geração do imediatismo, do senso de urgência, mas que pode

apresentar dificuldades em lidar com a frustração e a autoridade (LABRE; GARCIA, 2021, p. 44).

Cena 02 – Conhecendo e cantando o Hino da Bandeira

Nesta cena, a aula aconteceu em duas partes. A primeira introduzindo a história da Bandeira do Brasil, suas características e curiosidades e em seguida, ouvir e cantar o Hino da Bandeira.

Essa cena aconteceu com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental I. Neste dia a aula foi realizada na sala tradicional dos alunos. Uma parte da aula foi expositiva, contando um pouco de sua história e de seu surgimento e as características da Bandeira do Brasil e apresentação da letra de seu Hino. Para condução desta parte foi utilizado o recurso audiovisual Datashow, auxiliando nas ilustrações das imagens e dos pontos a serem discutidos pelos alunos. Antes de dar início a explicação da parte dos slides foi feito um breve momento sobre o tema da aula, ocorrendo uma troca de ideias e os perguntando sobre quem sabia da existência e/ou conheciam o Hino da Bandeira, e quase toda a turma respondeu que não conheciam e nem faziam ideia que existiam um hino próprio para a bandeira do Brasil. Em seguida deu-se início a parte expositiva com os slides. A interação dos alunos foi significativa, eles interagiram com as curiosidades, fizeram algumas perguntas e foi possível perceber que o recurso do slide bem ilustrado os chamou a atenção em participar desta primeira parte da aula. Finalizando essa explicação sobre a bandeira, um aluno perguntou se não teria música na aula e quando a resposta à sua pergunta foi que "sim" ele tornou a perguntar, "mas por que não tocou ela ainda?" e ele ao descobrir que antes de cantar uma música é necessário conhecer um pouco de sua história e mais sobre a importância do seu significado, esse aluno e mais algumas outras crianças disseram achar isso "interessante", afirmando "nunca pensei por esse lado, que conhecendo ficaria mais legal". Então passou-se para a parte de ouvir e cantar o hino. Neste momento, aconteceram algumas alterações no comportamento, eles não se interessaram tanto como na primeira parte da aula. Os alunos ouviram a primeira vez o hino sem cantarem, apenas acompanhando a letra. Na segunda vez foi dado a eles a orientação para que cantassem junto com a música, nisso algumas crianças começaram a conversar com o colega mais próximo, ficaram olhando para a janela, começaram a pedir para sair da sala e em alguns alunos foi possível observar que nem olhavam para a letra do hino. Terminando, essa repetição da música foi questionado a eles o porquê que não cantaram e alguns responderam "achei o hino chato, por isso não cantei", "não consegui acompanhar a letra e a música". Então foi pedido a eles novamente que participassem e tentassem acompanhar pelo menos a parte do refrão, essa que se repetia quatro vezes dentro do hino, nisso alguns alunos que não cantaram da primeira vez cantaram na segunda.

Para essa aula teve o envolvendo duas metodologias, uma mais teórica voltada para a descoberta e conhecimento da história da Bandeira do Brasil e seu Hino, e outra voltada para a parte do canto. Essa mudança de uma parte para a outra gerou transformações que destacaram algumas características da geração alpha, como principalmente a dificuldade de concentração e imediatismo, como afirma Oliveira (2019), toda a esperteza traz como resultado uma geração superficial, que se distrai facilmente, não se concentrando em nada. Essa falta de concentração na parte do canto misturou com o imediatismo, no qual foi notável que eles começaram a ficar impacientes e por isso tiveram baixa participação na parte cantada.

Quando uma coisa chama a atenção deles a participação é mais intensa. Nessa cena foi notável que durante o momento no qual eles podiam discutir o assunto, dar suas opiniões, interagir com as ilustrações do slide a participação foi satisfatória, uma das características dessa geração, que a necessidade por autonomia, se tornando os

protagonistas do aprendizado. Quando eles foram tirados da situação de poderem partilhar as ideias e confrontados a necessidade de aprender algo novo e aparentemente mais desafiador, eles demonstraram o desinteresse.

Segundo Labre & Garcia (2021), essa geração apresenta traços precoces, o que antes acontecia das crianças irem para a escola aos cinco anos, agora elas a partir de dois anos elas já tem início a vida escolar, o que gera desde cedo uma curiosidade por coisas diferentes e tudo que se classifica como chato, não desperta interesse em ser feito, mesmo que isso traga conhecimento para eles.

Cena 03 – Marcação Rítmica com tampinhas

Nesta terceira cena, a turma reproduziu de maneira prática o acompanhamento de ritmos, no qual essa aula tinha como proposta fatores importantes para a construção da musicalização, tais como, a coordenação motora trabalhando as mãos em movimentos diferentes, a atenção, a concentração e paciência nas repetições.

Essa cena aconteceu com a turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. Essa aula consistia em realizar algumas batidas rítmicas dentro de músicas, tendo o auxílio de tampinhas de garrafas pet, que foram presas a um palito de picolé para dar apoio ao segurarem e produzirem um melhor som, e os alunos também permaneceram no ambiente de sala de aula tradicional. Para o desenvolvimento da atividade foi entregue um par de tampinhas para cada aluno, sendo uma cor para a mão direita e uma outra cor para a mão esquerda, assim facilitando o entendimento nas orientações passadas e recebidas entre professora-pesquisadora e aluno. Logo, no início, ao explicar como aconteceria a aula e sobre como utilizar as tampinhas eles demonstraram pouca atenção, questionaram apenas o porquê de ter duas cores. Após cada aluno estar com suas tampinhas, novamente foi reforçado sobre qual cor tinha que ficar em cada mão e como deviam utilizá-las, e nisso já se ouviu um “já sei como é”, então começou a tocar as músicas e a primeira batida foi explicada. Alguns alunos apresentaram muita dificuldade em separar os movimentos entre mão esquerda e direita, nisso, manter um tempo de repetição um pouco mais longo e até os alunos criarem o seu domínio era necessário, mas não foi possível, pois eles constantemente pediam “muda a batida, já cansei dessa”, “quando vai mudar a música?” e os alunos que conseguiam acertar o ritmo com um melhor desempenho começaram a apontar o erro dos colegas que ainda estavam com dificuldade dizendo, “você está tocando errado!”, “ei, presta atenção, não é assim!”. Foi possível observar que alguns alunos paravam de tocar ao perceberem que estavam com dificuldades em acompanhar o ritmo, mas também não pediam ajuda e nem se importavam com as orientações que eram passadas constantemente. Ao trocar a música eles percebiam que manteriam o mesmo ritmo, devido à necessidade de se ter domínio para que o grau de dificuldades das batidas fosse elevado, eles falavam “de novo?”, mas ao elevar o grau de dificuldade para atender o pedido eles se perdiam novamente, confundindo mão direita com a esquerda e misturavam o ritmo, então novamente eles paravam de tocar e pediam para mudar mais uma vez a música, pois não conseguiam fazer mais a batida.

Nessa cena, a aula tinha como proposta reforçar de maneira prática nos alunos a coordenação motora diferente entre a mão direita e a esquerda com o auxílio de tampinhas de garrafa pet para produzirem som. Essa atividade aconteceu na sala de aula tradicional dos alunos. A curiosidade deles se limitou apenas em conhecer o novo instrumento musical que a eles era apresentado e o porquê das cores diferentes. Após eles receberem as tampinhas e ser reforçado os comandos eles já demonstraram um imediatismo bem destacado, dizendo que estavam cientes de como iriam ter que usar e poderíamos começar a música. Durante as músicas eles demonstraram dificuldades

em coordenar os movimentos entre a mão direita e esquerda, mas também não demonstraram muita vontade em continuar a repetição para alcançar bons resultados com as batidas. Podemos destacar aqui a característica do imediatismo e ansiedade para que tudo fosse trocado muito rápido. Antes da música acabar eles já solicitavam a troca, mas quando a troca acontecia as dificuldades se mantinham as mesmas e diante da frustração de não conseguirem executar as batidas de forma correta eles paravam de tocar, pediam para sair de sala e diziam sempre que era muito difícil, mas não dedicavam um tempo maior de repetição para solucionar tais questionamentos.

Durante essa cena foi possível notar o que Oliveira (2019) afirma sobre o traço do imediatismo, eles vivem em torno de constantes transformações. Assim como as tecnologias são ágeis e rápidas, eles vivendo diante desse formato de rotina, aderem comportamentos que espelham esse imediatismo e a curiosidade sempre para algo novo. Esse traço gera uma contradição com o processo de musicalização, que exige repetição, concentração e paciência para realizar as etapas de construção e reprodução da música.

Cena 04 – Marcação Rítmica com as Claves I

Nesta quarta cena, os alunos desenvolveram uma atividade rítmica em um ambiente diferente da sala de aula tradicional. A aula aconteceu de duas formas, sendo realizada de forma individual e em dupla. Uma das características dessa troca de sala é o formato mais divertido em que a aula se transforma.

Essa cena aconteceu com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental I, na qual os alunos foram levados para uma outra sala diferente da tradicional em que eles sempre assistem às atividades. Chegando nesse novo ambiente, os alunos foram orientados a se sentarem no chão formando uma meia lua, assim eles tiveram uma ampla visão de todos e também um maior contato com a professora-pesquisadora. Esse formato de aula os deixou curiosos sobre o que aconteceria e também foi possível observar maior atenção tanto aos colegas, como à professora-pesquisadora. Essa atividade musical foi dividida em duas partes, sendo uma realizada individualmente e outra em dupla, no qual eles teriam que acompanhar as batidas com o auxílio das Claves. Na primeira parte da aula, no formato individual, foi proposto a eles que descobrissem qual é a batida principal da música tocada sem a ajuda ou dica da professora-pesquisadora e o resultado foi satisfatório, pois praticamente todos pegaram bem rapidamente o ritmo, eles estavam prestando bastante atenção nessa parte da descoberta sozinhos. Portanto, assim que eles pegavam a batida base da música, o grau de dificuldade se elevava, no qual se realizava uma mais elaborada no ritmo, que eram passados seus comandos pela professora-pesquisadora. Algumas crianças demonstraram certa impaciência quando as batidas eram feitas por um período de tempo maior, pedindo para que fosse feita a troca de música e ritmo, mas ao perceberem que alguns colegas ainda apresentavam alguma dificuldade com as batidas mais elaboradas, eles continuavam a atividade sem questionamentos. Quando a atividade passou para a parte em dupla, ocorreram algumas mudanças significativas no desenvolvimento da aula. Até então eles se apresentavam concentrados e atentos às músicas, batidas e comandos, mas quando as duplas foram formadas eles começaram a conversar ao invés de realizar as batidas. Nessa parte em conjunto, eles tinham que reproduzir os ritmos batendo a Claves deles na do colega, reproduzindo os mesmos ritmos já feitos individualmente. Os alunos tiveram muita dificuldade em dominar as batidas de maneira sincronizada com a pessoa que estava a sua frente e ao terem a dificuldade eles iam conversar e depois começaram a pedir para sair. Passando de dupla em dupla era perguntado a eles se estava dando certo o ritmo e alguns responderam que estava “muito difícil tocar junto com o colega”. Uma dupla chegou a deitar no chão e riam de alguma brincadeira entre eles, ao ser pedido que se sentassem e

retornassem a atividade, foram tentar fazer os ritmos e continuaram conversando. Nesse momento da atividade em dupla não foi possível elevar o grau de dificuldade das batidas. Segundo os alunos no individual foi melhor para acompanhar e que em dupla estava muito difícil, por isso não estavam fazendo. Ao finalizar a atividade e preparar para retornar, eles pediram que a aula de música fosse feita mais vezes ali naquele local, segundo eles é “mais divertido”.

Para essa aula, os alunos foram trocados de sala e logo ao recebem essa notícia já começaram a perguntar para onde iriam e o que iam fazer de diferente em outro ambiente. Essa curiosidade para o novo, os deixou bem mais envolvidos com a atividade e foi possível perceber uma diminuição significativa no imediatismo no começo da aula. Ter um ambiente que é preparado para proporcionar o desenvolvimento da criança é extrema importância. Com as coisas ao seu redor adaptadas para atender às necessidades da aula vai despertar a curiosidade e proporcionar segurança (FIGUEIREDO; SOUZA, 2021). Ao chegarem, se sentaram em formato meia lua, o que proporcionou a eles um melhor contato tanto com os colegas como em visualizar a professora-pesquisadora. Novamente se percebe que a mudança para um ambiente mais propício a realização da aula envolve mais os alunos com a atividade a ser realizada.

A realização dessa aula foi dividida em duas partes. No individual os alunos se saíram muito bem, tiveram respostas e pensamentos mais rápidos, destacando assim uma de suas características que envolvem a geração alpha. Nessa parte no qual puderam literalmente descobrir os ritmos sozinhos, eles se envolveram por completo, mas vale ressaltar que esse momento da atividade só reforçou os conhecimentos que eles já possuíam de outras aulas com as claves e reprodução de ritmos. Quando foram desafiados a acompanharem batidas mais elaboradas se notou uma certa dificuldade de algumas crianças, mas também foi percebido que eles continuaram a tocar ao verem os colegas todos tocando e tentando acertar.

Essa aula envolveu diversos fatores pertencentes a geração alpha, como destaca Labre & Garcia (2021) são “espontaneidade, curiosidade, atenção a tudo que está a sua volta, autonomia, fácil adaptação, versatilidade, constante questionamento, hiperconectividade, independência, individualidade e egocentrismo” (p. 44).

Essa individualidade e egocentrismo tiveram destaque na parte em dupla, no qual ocorreu uma mudança perceptível no comportamento, em que os alunos começaram a conversar e dispersaram com maior facilidade, dando lugar a dificuldade de continuarem a tocar os ritmos. Sendo assim notável o conflito que eles carregam em conseguirem manter a atenção e concentração diante de tantas possibilidades de fazerem coisas paralelas à atividade.

Cena 05 – Marcação Rítmica com as Claves II

Nesta quinta cena, os alunos do 5º ano foram levados a uma sala diferente da tradicional para a aplicação de uma atividade envolvendo construção rítmica e coordenação motora reforçando a percepção auditiva. Foi possível observar de maneira explícita a mudança no comportamento da parte individual para a em dupla.

Essa cena foi aplicada e observada com a turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. Eles foram orientados a se sentarem no chão em formato meia lua, e logo no momento inicial a explicação de como a atividade aconteceria. Quando foi mostrado a eles as claves eles disseram “isso daí eu já sei tocar”, mas prestaram atenção às explicações. Durante a

distribuição do par de claves para cada um deles, eles já começaram a tocar mesmo sem ter música. Na parte individual, não apresentaram muita dificuldade. Foi proposto que também descobrissem sem o auxílio da professora-pesquisadora qual era o ritmo base das músicas e eles tiveram uma resposta bem rápida e satisfatória. Em relação a turma do 4º ano, eles tocavam ritmos um pouco mais simplificados. Ao elevar o grau de dificuldade eles misturavam um pouco as batidas e ao repeti-las mais vezes, solicitavam a troca da música e do ritmo tocado. Ao fazer com que mantivessem um mesmo movimento dentro de uma música de 2 a 3 minutos se ouvia algumas vezes, “já pode trocar, pois eu já sei fazer”, mas ao notarem que o restante da turma continuava a batida, eles continuavam por mais alguns instantes. No formato em que estavam assentados era possível ver todos os colegas. Uma aluna chamou a atenção, ela parou de tocar e ao ser questionada, disse que seu par de claves não saía som, por isso ela parou de tocar, notando que ela queria que seu som fosse o mais alto da turma. Essa aluna sempre aponta os erros dos colegas quando eles erram ou estão tendo dificuldades. Na parte em dupla também ocorreu uma alteração no comportamento e desenvolvimento da turma, eles começaram a tocar do jeito deles e a conversar antes mesmo de receberem as novas instruções e assim começaram a pedir para sair da sala. Eles apresentaram uma dificuldade maior, com confusões entre os movimentos e falta de sincronização das batidas, disseram ser bem difícil de acompanhar. Também não foi possível elevar o nível de complexidade dos ritmos produzidos pelos alunos. Sobre a parte de ir para outra sala eles também gostaram e em relação as atividades já observadas em sala de aula comum, eles tiveram um melhor envolvimento.

Nessa cena, novamente foi possível observar que a mudança de sala, proporcionando um ambiente preparado, como Figueiredo & Souza (2021) destacam, a aula de música toma proporções diferentes das que acontecem no ambiente mais tradicional com todos sentados em fileiras um atrás do outro, o envolvimento dos alunos se torna melhor, sendo possível perceber a curiosidade sobre o que vai acontecer e como vai acontecer.

Na parte individual que é proposto eles acompanharem um ritmo mais elaborado, apresentam dificuldades e acompanhando e diante dessa dificuldade eles criam uma resistência em realizar a atividade, parando de tocar. Características que ressalta a dificuldade de concentração e frustração com os desafios e autoridade (LABRE; GARCIA, 2021).

Quando a aula passa para a parte em dupla acontece uma reviravolta instantânea nos alunos, tendo um grau de dispersão muito elevado, demonstrando um desligamento com o que estavam até então realizando com facilidade e envolvimento. Nessa parte em dupla os questionamentos negativos começaram a surgir, a impaciência toma destaque e se nota a perceptível dificuldade de interação sem a interrupção de fatores paralelos aos da aula. O que pode explicar essa mudança de comportamento é que as crianças que fazem parte dessa geração alpha recebem uma carga enorme de estímulos, tem acesso ilimitado as informações que desejam, assim tornando-os tanto mais independentes e ativos, mas também os deixando mais ansiosos, impacientes e exigentes, sendo essas características de comportamento destacada quando desafiados (LABRE; GARCIA, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar se (e como) as características da geração alpha influenciam no processo de musicalização. A análise feita por meio das cenas construídas a partir das observações das aulas de música, com algumas turmas do Ensino Fundamental I, evidenciaram características claras da geração

influenciando diretamente no processo de musicalização, tais como o imediatismo em maior destaque, depois seguido pela dificuldade de concentração e também a curiosidade e o pensamento rápido, todos presentes nas atividades observadas e realizadas pelos alunos.

Um fator que foi possível modificar o comportamento imediatista e despertar maior curiosidade e envolvimento nos alunos durante as realizações das atividades musicais, foi a troca de ambiente, no qual os alunos ao invés de ficarem na sala de aula tradicional foram levados para uma sala com maior espaço e melhor preparada para realização das atividades, proporcionando assim um contato visual maior com os colegas e professora-pesquisadora.

Nas atividades no qual os alunos têm maior espaço de participação foi possível notar que o envolvimento deles era maior, mas quando desafiados a um grau de dificuldade mais elevado eles apresentam uma dispersão relativamente alta, gerando dificuldade de concentração e imediatismo, assim prejudicando o processo de musicalização, pois eles querem fazer a atividade. Eles gostam de música, mas não se dedicam de maneira satisfatória para obterem avanços dentro de um curto prazo.

Nisso, se percebe que os alunos dessa nova geração buscam constantemente coisas novas, eles vivem em meio as transformações e isso para eles é normal, mas também se nota que diante da musicalização isso gera uma contradição, pois a música sem dúvidas se transforma a cada geração, mas construir e entender a música ainda necessita de processos longos e repetitivos para se criar domínio e precisão. O que foi possível perceber é que esse processo de musicalização feito de construção de etapas, de repetição e de concentração deve se inserir no novo formato de percepção dos alunos, para fazer com que o “chato” se torne curioso, o “cansativo” se torne divertido e assim aos poucos ir se moldando as rotinas e comportamentos dos alunos dessa geração alpha dentro do conhecimento musical nas escolas.

REFERÊNCIAS

AGNOLON, R.; MASOTTI, D. R. A musicalização e o desenvolvimento cognitivo de crianças a partir das inteligências múltiplas. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 5, n. 1, 2016. DOI: 10.35819/tear.v5.n1.a1967. Disponível em: ><https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1967><. Acesso em: 6 set. 2022.

BARROS, Laís Jamille F. B. de.; BATISTA, Maria M.; SILVA, SÂMELA L. S. M. da. **A importância da música como meio facilitador no processo de desenvolvimento da criança**. UFPB, João Pessoa. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: ><https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3515/1/LJFBB20062017.pdf><. Acesso em: 11 out. 2022.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Ensino de música será obrigatório. 2008. Disponível em: ><http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/11100-sp-#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2011.769%2C%20publicada,no%20ensino%20fundamental%20e%20m%C3%A9dio><. Acesso em: 10 out. 2022.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v.3, p.45-79. Conhecimento de Mundo. MEC/SEF, 1998.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. 2.ed. Campinas, São Paulo: Átomo, 2011.

CAMACHO, Maria Teresa Fuertes. La observación de las prácticas educativas como elemento de evaluación y de mejora de la calidad en la formación inicial y continua del profesorado. **Revista de docência universitária**, 2011.

FIGUEIREDO, Leonardo Henrique Franco de; SOUSA, Rafael Rossi. Ambientes de aprendizagem para além do espaço: desenvolvimento, implicações, perspectivas e o método montessoriano. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 36, 28 set. 2021.

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1988.

GARCIA, Vitor P.; SANTOS, Renato dos. A importância da utilização da música na educação infantil. **EFDeportes.com**, Revista Digital. n. 169. v. 17. Jun 2012. Disponível em: ><https://www.efdeportes.com/efd169/a-musica-na-educacao-infantil.htm><. Acesso em: 09 out. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010. p.184. ISBN 9788522458233.

GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O Papel da Música na Educação Infantil. **EccoS Revista Científica**, v. 12, n. 2, julho-dezembro, 2010. p. 85-103. Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil Disponível em: ><http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71518580013><. Acesso em: 10 out. 2022.

GONÇALVES, L. A., et.al. **O jogo das diferenças, o multiculturalismo e seus contextos**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GUIMARÃES, Nelma. **A importância da musicalização na educação infantil e seu reflexo na aprendizagem significativa**. Neuroeducação musical. [On-line]. Disponível em: ><https://www.neuroeducacaomusical.com.br/a-importancia-da-musicalizacao-na-educacao-infantil-e-seu-reflexo-na-aprendizagem-significativa/><. Acesso em: 08 out. 2022.

ILARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical)**. Porto Alegre, v.9, p.7-16. set. 2003. Disponível em: ><http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/395/322><. Acesso em: 6 set. 2022.

JAESCHKE, Juliana. **Gestão de pessoas e diversidade geracional: um estudo comparativo entre organizações brasileiras e alemãs**. Ijuí, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: ><https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/2813><. Acesso em: 08 out. 2022.

LABRE, Tatiara H. M.; GARCIA, Gladys R. O desafio pedagógico da geração alpha. **Revista Culturas & Fronteiras**. v.5. n.1, p.39-58. dez. 2021. Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas, GEIFA /UNIR. Disponível em: ><https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/article/view/6682/pdf><. Acesso em: 29 nov. 2022.

MATEIRO, Teresa.; SCHMIDT, Beatriz. W Práticas percussivas nas aulas de música do ensino fundamental. **DAPesquisa**, Florianópolis. v.11, n.17, p.83-100. 2016. DOI: 10.5965/1808312911172016083. Disponível em: ><https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/6901><. Acesso em: 6 set. 2022.

OLIVEIRA, Genori da Silva. **Geração Alpha entre a realidade e o virtual: o sujeito digital**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: ><https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/5811><. Acesso em: 08 out. 2022.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Apresentação do Dossiê: A sociedade vista pelas gerações. **Política e Sociedade**. n. 8, 2006. Disponível em: ><https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1802><. Acesso em: 08 out. 2022.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração Digital**. (H. Carone, Ed., & M. Lino, Trad.) Editora Nova Fronteira Participações. 2010.

VIEGAS, Raissa Oliveira de Melo Costa. **Geração alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Departamento de Administração, Universidade Federal do Rio Grande

do Norte, Natal, 2015. Disponível em:
><https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/35093><. Acesso em: 08 out. 2022.

ZUANAZZI, L. **O desafio da gestão da geração Z**. Trabalho de conclusão de curso, ESIC. 2014. Disponível em: ><http://pt.slideshare.net/lzuanazzi1/o-desafio-da-gestoda-gerao-z><. Acesso em: 09 out. 2022.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

TEMA DA AULA: _____		DATA: _____	TURMA: _____
Manifestação de Características da Geração Alpha	Independência/ Necessidade de Autonomia		
	Pensamento Rápido		
	Imediatismo		
	Curiosidade		
	Empatia		
	Dificuldade de Concentração		
Desenvolvimento do Processo de Ensino e Aprendizagem	Metodologia da Aula		
	Mudança de Estratégia por demanda dos alunos		
	Tarefas com alta aceitação da turma		
	Tarefas com baixa aceitação da turma		